



CENTRO UNIVERSITÁRIO FAMETRO-UNIFAMETRO

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

BRUNA KELLY MIRANDA DE MORAES

JÉSSICA MONTEIRO CARNEIRO DE SOUZA

O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO  
ESPECTRO AUTISTA

CASCAVEL/CE

2023

BRUNA KELLY MIRANDA DE MORAES

JÉSSICA MONTEIRO CARNEIRO DE SOUZA

O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS COM TRANSTORNO  
DO ESPECTRO AUTISTA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário Fametro - UNIFAMETRO sob orientação da Professora Angelina do Nascimento Silva como parte dos requisitos para a conclusão do curso.

CASCAVEL/CE

2023

BRUNA KELLY MIRANDA DE MORAES

JÉSSICA MONTEIRO CARNEIRO DE SOUZA

O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS COM  
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Este artigo foi apresentado no dia 16 de junho de 2023 como requisito para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia do Centro Universitário Fametro - UNIFAMETRO, tendo sido aprovada pela banca examinadora composta pelos professores

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Me. Angelina do Nascimento Silva

Orientador - UNIFAMETRO

---

Prof. Me. Francisca Eliana Santos da Silva Nogueira

Membro - EXTERNO

---

Prof. Dr. Webster Guerreiro Belmino

Membro - UNIFAMETRO

# O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

*Bruna Kelly Miranda de Moraes<sup>1</sup>  
Jéssica Monteiro Carneiro de Souza<sup>2</sup>  
Angelina do Nascimento Silva<sup>3</sup>*

## RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) atualmente tem ganhado destaque no cenário educacional. O TEA é um distúrbio do neurodesenvolvimento que interfere na comunicação, na linguagem, na interação e no comportamento social de indivíduos com esse transtorno. O mesmo tem ocasionado debates nas mídias sociais, nos meios acadêmicos e nas instituições de ensino que atuam diretamente com esse público. Nos últimos anos tem crescido bastante o número de crianças diagnosticadas com TEA e sua inserção em sala de aula a cada dia tem sido um desafio. Nesse sentido, o presente estudo busca aprofundar nossas reflexões sobre a inserção e inclusão das crianças com autismo nas escolas. Para tanto, a presente pesquisa tem como objetivo compreender como ocorre o processo de alfabetização das crianças com TEA no âmbito escolar. Para embasar nossas reflexões, realizamos a pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo. Diante de nossas leituras e discussões, podemos destacar que o processo de alfabetização é um processo complexo e desafiador, necessitando desta forma que haja formações continuadas e qualificadas que preparem o educador para atender as necessidades das crianças com TEA, garantindo a inclusão escolar e uma educação de qualidade. Ressaltamos ainda a contribuição da ludicidade e do uso de materiais concretos para a assimilação e acomodação dos conhecimentos pela criança. Acreditamos ser de suma importância, investimento em capacitação de profissionais que atuam na área da educação, bem como dos que ainda estão em formação voltados para atenção as particularidades das crianças. Práticas pedagógicas com metodologias diversificadas e específica para a peculiaridade de cada criança contribuirão para facilitar o processo de alfabetização.

**Palavras-chave:** TEA. Alfabetização. Aprendizagem.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia do Centro universitário Fametro – UNIFAMETRO

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia do Centro universitário Fametro – UNIFAMETRO

<sup>3</sup> Mestre em Educação Brasileira. Professora Assistente do Centro Universitário Fametro - UNIFAMETRO

## **ABSTRACT**

Autistic Spectrum Disorder (ASD) has currently gained prominence in the educational scenario. ASD is a neurodevelopmental disorder that interferes with communication, language, interaction and social behavior of individuals with this disorder. The same has caused debates in social media, in academic circles and in educational institutions that work directly with this public. In recent years, the number of children diagnosed with ASD has grown significantly and their insertion into the classroom every day has been a challenge. In this sense, the present study seeks to deepen our reflections on the insertion and inclusion of children with autism in schools. Therefore, this research aims to understand how the literacy process of children with ASD occurs at school. To support our reflections, we carried out a qualitative bibliographical research. In view of our readings and discussions, we can highlight that the literacy process is a complex and challenging process, thus requiring continuous and qualified training to prepare the educator to meet the needs of children with ASD, guaranteeing school inclusion and an education Of Quality. We also emphasize the contribution of playfulness and the use of concrete materials for the assimilation and accommodation of knowledge by the child. We believe it is of paramount importance to invest in training professionals who work in the field of education, as well as those who are still in training, focused on attention to the particularities of children. Pedagogical practices with diversified and specific methodologies for the peculiarity of each child will contribute to facilitate the literacy process.

**Keywords:** TEA. Literacy. Learning.

## 1 INTRODUÇÃO

Autismo é um transtorno neurológico que acomete a habilidade de se comunicar e interagir com outras pessoas. Autismo é doença? Não! Como dito anteriormente, autismo é uma condição neurobiológica, por isso não tem cura, mas as comorbidades que alguns autistas têm, pode ser que sim. Estudos sugere que há componentes genéticos na etiologia do Transtorno do Espectro Autista. Algumas pessoas acham que todo autista é igual, mas estão equivocados, pois o autismo é um espectro, ou seja, autistas são diferentes uns dos outros, cada um tem sua especificidade. O diagnóstico é clínico, feito por neurologistas, psiquiatras e psicólogos.

Existem muitas informações e estudos sobre o autismo, entretanto, também tem surgido muitas Fakes News sobre o assunto. É necessário e relevante buscar informações quando o assunto for o comportamento e o processo de aprendizagem da pessoa com Transtorno do Espectro Autista, fazendo-se necessário que tenhamos um olhar mais direcionado para as causas e desafios do TEA, não nos prendendo apenas nas informações repassadas por redes sociais e pelas mídias ao até mesmo pelo o que pensa o senso comum.

A escola tem um papel pedagógico fundamental, sendo importante compreender que cada criança possui seu tempo, suas habilidades comportamentais que são necessárias para o desenvolvimento da aprendizagem. Entendemos o processo de alfabetização como algo complexo e desafiador, para tanto é necessário o professor rever suas práticas pedagógicas e novas metodologias que favoreçam a aprendizagem das crianças, principalmente as que são acometidas pelo TEA. Uma criança com autismo pode desenvolver o processo de fala mais rápido, enquanto outras crianças ainda são não verbais, dessa forma é importante um olhar individualizado para cada aluno em todo o processo da alfabetização. Uma forma é através de instruções da abordagem fônica, com adaptações de acordo com as necessidades e habilidades das crianças com TEA.

Com base no exposto, algumas inquietações foram surgindo ao longo do curso de Pedagogia, tais como: Como ocorre o processo de aprendizagem e alfabetização das pessoas com autismo? Quais os desafios encontrados pelo professor? Como as crianças com autismo constroem suas hipóteses de escrita?

Como ajudá-las nesse processo? Vale destacar que outro fator que motivou esse estudo, refere-se ao fato de as pesquisadoras terem experienciado vivências na Educação Infantil durante o Estágio Supervisionado com crianças com TEA e também por uma das pesquisadoras trabalhar em um Centro de Educação Infantil como cuidadora de uma criança com autismo.

Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo analisar como ocorre o processo de alfabetização das crianças com Transtorno do Espectro Autista. Para tanto, realizamos pesquisa bibliográfica em artigos, revistas, livros sobre os autores que abordam essa temática, tais como: Vigostki (1997), Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1984), Soares (2000), Silva (2012), Kanner (1943), entre outros.

Consideramos que esse estudo é fundamental para compreendermos como ocorre o processo de alfabetização das crianças com autismo, bem como contribuirá para inclusão dessas crianças em sala de aula, uma vez que as mesmas têm capacidade de aprender e se desenvolver dentro de suas potencialidades. Pretende-se ainda com o estudo sensibilizar os educadores quanto ao uso de metodologias diversificadas e a flexibilidade em seu fazer pedagógico com atividades lúdicas que atendam a todas as crianças independentemente de suas limitações, pois toda criança de acordo com suas fases de desenvolvimento tem capacidade de aprender, desde que sejam dadas condições para isso.

## 2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

### 2.1 O que é o Autismo?

Muitos ainda se perguntam o que é o autismo e como trabalhar com as pessoas que tem autismo de forma que contribua eficazmente com seu desenvolvimento. O autismo é um transtorno global do desenvolvimento infantil, neurológico e genético, que acontece por um conjunto de fatores neurológicos desde a formação do feto.

Silva e Vinãs (2020), destaca que

Autismo, ou transtorno do espectro do autismo (TEA, ou do inglês ASD, Autism Spectrum Disorder), refere-se a uma ampla gama de condições caracterizadas por desafios com habilidades sociais, comportamentos repetitivos, fala e comunicação não verbal. De acordo com o Centers for Disease Control, o autismo afeta cerca de 1 em 54 crianças nos Estados Unidos hoje (SILVA; VINÃS, 2020, p. 9).

O cérebro das pessoas com autismo tem alterações na comunicação entre os neurônios e em outras estruturas de diferentes áreas do cérebro, por causa disso a manifestação de sintomas é bastante diversificada. Os sinais geralmente são na infância, ou seja, ninguém vira autista adulto, já nasce com alterações bioquímicas da estrutura cerebral e genética que afeta a habilidade de se comunicar e interagir com outras pessoas, algumas falam muito bem e outras são não verbais.

Vale destacar que os indícios dos estudos sobre autismo ocorreram no ano de 1943, por um psiquiatra chamado de Leo Kanner (1943), um psiquiatra, que primeiro identificou, através de suas observações de crianças e adolescentes, o autismo como síndrome de “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo”. Vale lembrar que inicialmente os estudos nessa área identificava as crianças com esse transtorno como uma síndrome ou transtorno da manifestação de esquizofrenia.

Através dos estudos de Kanner (1943) o autismo passa a ser definido com base em três características básicas, quais sejam, dificuldades de socialização, comunicação e linguagem, bem como flexibilidade mental e comportamental. Deve-se destacar ainda que o autismo se manifesta de forma precoce antes dos 3 anos de idade. Contudo, destacamos que quanto mais cedo a criança for diagnosticada melhor será sua possibilidade de desenvolvimento e aprendizagem. Pois, “o



diagnóstico precoce e o tratamento efetivo, cientificamente embasado, podem mudar a vida dessas pessoas e daquelas do seu convívio íntimo” (SILVA, 2012, p. 5).

Entendemos que o diagnóstico precoce é de suma importância para que a pessoa com autismo possa desenvolver suas potencialidades e ter melhor progresso em sua aprendizagem. Concordamos ainda com Brito (2017) que “o diagnóstico não pretende rotular de forma negativa ou sentenciar a pessoa, ao contrário disso, ele auxilia na comunicação entre os profissionais, na busca por direitos, ajuda a nortear as intervenções e a orientar os familiares” (BRITO, 2017, p. 13).

Quanto mais cedo a pessoa for diagnosticada e tratada adequadamente com a equipe multidisciplinar, mais chance terá de manter uma boa qualidade de vida, a desenvolver papéis sociais, aprender a interagir e desenvolver talentos inatos adquirindo autonomia e independência no futuro. Silva (2012), salienta que “para se tratar o autismo é necessário quebrar antigos paradigmas eliminar as culpas e aprender a despertar e a valorizar os talentos inatos de cada indivíduo” (SILVA, 2012, p. 5).

Destacamos que um dos fatores principais do tratamento é habilitar essa pessoa com TEA a ter independência, no sentido de autocuidado de tomar seus medicamentos sozinho e fazer sua higiene sozinho, não aceitando que os aprisione e limite suas possibilidades de uma vida digna. Enquanto família, educadores e comunidade devemos encontrar meios e caminho para ajudá-los a serem inseridos na sociedade e ter um melhor desempenho e desenvolvimento.

Algumas pessoas diagnosticadas com TEA podem sofrer de certos tipos de crises e elas acontecem, sobretudo, por conta das desregulações sensoriais e dificuldades de comunicação que alguns autistas enfrentam. Silva (2012) ressalta que “um dos grandes desafios do tratamento do funcionamento artístico é ensiná-las os mecanismos e os prazeres contidos nos momentos de convivência” (SILVA, 2012, p. 13).

As pessoas com TEA não apresentam aspecto físico diferente. Percebe-se através do comportamento que o universo autista é o mesmo de todas as pessoas, porém como elas sentem, interagem e se relacionam com o mundo de forma diferente devido à sensibilidade alterada, passam a se isolarem socialmente dando

a impressão de que estão em outro mundo. Nesse sentido, faz-se necessário entender o autismo de acordo com sua particularidade, pois as características próprias desse universo interferem no comportamento e relações que eles mantêm com seu meio social. Entretanto, o autismo não é uma doença e sim uma condição neurológica marcada por dificuldades no desenvolvimento da linguagem nos processos de comunicação na interação e no comportamento social. “Crianças com autismo tem pouca curiosidade social e por isso não aprendem a relatar os acontecimentos de forma espontânea” (SILVA, 2012, p.22).

Enfatizamos que existem tratamentos eficazes e com comprovação científica que aproveitam a neuroplasticidade do cérebro que é a capacidade de fazer novas conexões e construir novos caminhos para melhorar a vida da criança. Dessa forma permitirá ter uma boa relação com seus pares e desenvolvimento no seu processo de escolaridade.

Vale destacar que alguns estudos, indicam que há componentes genéticos na origem do Transtorno do Espectro Autista. Há quem pense que todo autista é igual, mas estão equivocados, pois o autismo é um espectro, ou seja, autistas são diferentes uns dos outros, cada um tem sua especificidade. Nesse sentido, Silva e Vinãs (2020), destaca que

Sabemos que não existe um autismo, mas muitos subtipos, a maioria influenciados por uma combinação de fatores genéticos e ambientais. Como o autismo é um transtorno do espectro, cada pessoa com autismo tem um conjunto distinto de pontos fortes e desafios. As maneiras pelas quais as pessoas com autismo aprendem, pensam e resolvem problemas podem variar de altamente qualificadas a severamente desafiadas. Algumas pessoas com ASD podem exigir suporte significativo em suas vidas diárias, enquanto outras podem precisar de menos suporte e, em alguns casos, vivem de forma totalmente independente (SILVA; VINÃS, 2020, p. 9).

Como podemos perceber, cada pessoa com autismo pode apresentar características diferentes, pois é necessário que levemos em consideração as vivências e particularidades de cada um. Contudo, também não podemos rotular as pessoas com autismo com os mesmos sintomas e características, uma vez que as características apresentadas sofrerão influência de vários fatores e do acometimento cerebral de cada indivíduo.

É importante ainda ressaltar a influência de dois estudiosos na história do autismo, os quais são Bruno Bettelheim, que entendia as crianças autistas como

vítimas de traumas ocorridos em ambientes oriundos de negligência materna, defendendo desta forma a importância do ambiente social para que a criança se desenvolva de forma satisfatória (BETTLEHEIM, 1987). O outro teórico que também fez parte do processo histórico do autismo foi Bernard Rimland, que por sua vez, defendia uma das causas do autismo como origem biológica (RIMLAND, 1964).

Contudo, Ferreira (2014 *apud* HOBSON, 2004) enfatiza que os fatores genéticos influenciam no Transtorno do Espectro Autista, descartando desta forma a causa relacionada por questões parentais, tais como a falta de afeto na criação dos filhos. De acordo com Ferreira (2014 *apud* HOBSON, 2004) o cérebro das crianças com autismo não funciona de forma adequada, caracterizando, portanto, uma patologia de cunho biológico.

É importante ainda destacar os estudos de Hans Asperger (1944) que contribuiu para as observações e características realizadas por Kanner (1943), incluindo casos de comprometimento orgânico. Hans Asperger, concomitante a publicação do trabalho de Kanner, divulga em 1944 seu artigo denominado “Psicopatologia autística na infância”. Diferentemente de Kanner, os estudos de Asperger atribuíam as causas do autismo a uma deficiência biológica, especialmente genética (BRASIL, 2013, p. 25).

Vale salientar que o autismo acomete mais os meninos do que as meninas, pois de acordo com Silva (2012), “o psiquiatra inglês Simon Baron-Cohen, diretor do centro de autismo da Universidade de Cambridge, cérebro feminino seria, em geral, mais bem-adaptado para o mundo social, mais ligado aos sentimentos e emoções” (SILVA, 2012, p. 33).

A mesma autora destaca ainda que

Em pessoas com traços de autismo, este cérebro masculino é ainda mais evidente. De fato, o pesquisador inglês Simon Baron-Cohen levanta a hipótese de que o cérebro autístico seria um cérebro predominantemente masculino, como resultado de uma exposição maior à testosterona, o hormônio masculino, durante a gestação. Estudos genéticos, apesar de muito importantes, ainda engatinham nas elucidações da causa do autismo e é provável que a tese do excesso de testosterona não explique todos os casos de autismo existentes no mundo. Mas tudo indica que isso pode ser um dos fatores nessa colcha de retalhos”(SILVA, 2012, p.33).

Silva (2012) salienta ainda que “O autismo acomete mais meninos do que meninas, numa proporção de 4:1. A síndrome de Asperger, um quadro do espectro

autista de alto funcionamento, é dez vezes mais frequente nos meninos” (SILVA, 2012, p. 36). Por conta disso, o símbolo do autismo é representado pela cor azul. Silva (2012), menciona ainda que o pesquisador inglês Simon Baron-Cohen destaca a “hipótese de que o cérebro artístico ser predominantemente masculino devido a uma exposição maior aos níveis de progesterona durante a gestação”.

Salientamos que o diagnóstico deve ser realizado por um especialista na área, através da observação comportamental. Atualmente o Autismo tem como base o Manual de Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais, o DSM-5, passando a ser chamado de Transtorno do Espectro Autista (TEA).

O transtorno do espectro autista é um novo transtorno que engloba o transtorno autista (autismo), o transtorno de Asperger, o transtorno desintegrativo da infância, o transtorno de Rett e o transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação do DSM-IV. Ele é caracterizado por déficits em dois domínios centrais: 1) déficits na comunicação social e interação social e 2) padrões repetitivos e restritos de comportamento, interesses e atividades (APA, 2014, p.809 apud. SILVA; OLIVEIRA, 2018, p. 130).

Estatísticas indicavam antigamente uma incidência geral de 4 a 10 crianças por dez mil nascimentos que tinham Transtorno do Espectro Autista (APA, 1994; JORDAN, 1999). Atualmente, o termo autismo é chamado de Transtorno do Espectro Autista (TEA) pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V).

Destacamos que através desse Manual Estatístico (DSM-V) destaca-se as principais características para as pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo:

A - Deficiências persistentes na comunicação e interação social: 1. Limitação na reciprocidade social e emocional; 2. Limitação nos comportamentos de comunicação não verbal utilizados para interação social; 3. Limitação em iniciar, manter e entender relacionamentos, variando de dificuldades com adaptação de comportamento para se ajustar as diversas situações sociais.

B - Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, manifestadas pelo menos por dois dos seguintes aspectos observados ou pela história clínica: 1. Movimentos repetitivos e estereotipados no uso de objetos ou fala; 2. Insistência nas mesmas coisas, aderência inflexível às rotinas ou padrões ritualísticos de comportamentos verbais e não verbais; 3. Interesses restritos que são anormais na intensidade e foco; 4. Hiper ou hiporreativo a estímulos sensoriais do ambiente.

C - Os sintomas devem estar presentes nas 13 primeiras etapas do desenvolvimento. Eles podem não estar totalmente manifestos até que a demanda social exceder suas capacidades ou podem ficar mascarados por algumas estratégias de aprendizado ao longo da vida.

D - Os sintomas causam prejuízo clinicamente significativo nas áreas social, ocupacional ou outras áreas importantes de funcionamento atual do paciente. E esses distúrbios não são melhores explicados por deficiência cognitiva ou atraso global do desenvolvimento (APA, 2013, apud. BRITO, 2017, p. 12 e13)

Vale ainda salientar, de acordo com Guedes e Tada (2015), que as características do autismo variam de acordo com o grau e severidade, portando não podemos definir que todas as pessoas com autismo terão as mesmas dificuldades e características.

Ressaltamos que nenhum ser humano é igual ao outro, da mesma forma as pessoas com autismo também não poderiam ser diferentes, pois cada ser humano é singular. A maneira de ser, agir e pensar e se comportar de cada pessoa está relacionado as suas vivências, cultura e ao código genético que cada um carrega ao nascer. Destacamos ainda que nos indivíduos com TEA, além das características básicas, os prejuízos cognitivos, comportamentais, sensoriais de linguagem e de nível intelectual mudam de criança para criança. Silva (2012) salienta que

“[...]quando nós falamos em autismo, estamos nos referindo a pessoas com habilidades absolutamente reveladoras, que calam fundo na nossa alma, e nos fazem refletir sobre quem de fato vive alienado” (SILVA, 2012, p.3-4).

Com base no exposto, acreditamos que todas as crianças têm capacidade de aprender e se desenvolver, desde que sejam motivadas e proporcionado condições para isso. A cada dia é crescente o número de pessoas diagnosticadas com autismo, o mesmo fato se deve ao crescente número de estudos e pesquisas desenvolvidas nessa área nos últimos anos. É bem provável que todos conheçam alguém que seja autista e por essa razão é importante saber um pouco mais sobre o autismo e como seu cérebro se desenvolve, pois pode ser que alguns domine tarefas que outros acham difíceis como dominar matemática, outros idiomas, a arte de desenhar entre outras habilidades mais.

## 2.2 Alfabetização e letramento

A alfabetização é um processo complexo que requer do educador um olhar cuidadoso e reflexivo quanto à aprendizagem do sistema de representação da escrita, pois nem todos ainda compreendem o quanto é difícil para a criança aprender um sistema que é tão abstrato, uma vez que se trata de representar os sons da fala por grafias, riscos e traços. Para que a criança desenvolva o sistema de escrita e o compreenda, é necessário que o professor entenda como ocorre seu processo de maturação, o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo da criança, bem como seu processo cultural e histórico os quais contribuem ou interferem na aquisição da língua escrita. Pois, não basta que o aluno aprenda a codificar e decodificar o sistema de escrita alfabética, mas compreenda a sua função social.

Nesse sentido, destaca-se a importância do alfabetizar e letrar como processos distintos, porém, indissociáveis no processo de ensino e aprendizagem da criança. Uma criança alfabetizada não é aquela que memoriza e decodifica palavras e frases, mas aquela que constrói um conhecimento de natureza conceitual, que compreende o que lê, representa graficamente a linguagem e compreende seu significado social.

De acordo com Soares citada por Morais e Albuquerque (2007, p. 47):

Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas inseparáveis do contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse ao mesmo tempo alfabetizado e letrado.

Com base no exposto, enfatizamos que para o aluno desenvolver suas hipóteses alfabéticas, necessita de situações desafiadoras, que o estimule e oportunize a construção de novas aprendizagens que sejam significativas. É por meio da interação que o sujeito desenvolve sua aprendizagem e elabora o seu pensamento. Portanto, não basta apenas o contato com o material escrito, mas práticas pedagógicas que o desafie e promova aprendizagem.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), destaca-se que:

Dominar o sistema de escrita do português do Brasil não é uma

tarefa tão simples: trata-se de um processo de construção de habilidades e capacidades de análise e de transcodificação linguística. Um dos fatos que frequentemente se esquece é que estamos tratando de uma nova forma ou modo (gráfico) de representar o português do Brasil, ou seja, estamos tratando de uma língua com suas variedades de fala regionais, sociais, com seus alofones, e não de fonemas neutralizados e despidos de sua vida na língua falada local. De certa maneira, é o alfabeto que neutraliza essas variações na escrita.

No mesmo sentido, o Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC) alinha-se a proposta acima ao

Estabelecer e implantar, mediante pactuação Interfederativa, diretrizes pedagógicas para a educação básica e a Base Nacional Comum dos Currículos, com direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento dos (as) alunos (as) para cada ano do Ensino Fundamental e Médio, respeitada a diversidade regional, estadual e local (grifo adicionado). Conforme podemos ver, a estratégia proposta salienta o foco na aprendizagem como elemento da qualidade da educação básica em todas as etapas e modalidades, já fazendo referência a direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento. (DCRC, p.30).

De acordo com as citações acima, acreditamos na aprendizagem significativa que promova a autonomia, a interação e principalmente que esteja contextualizada com a realidade social do aprendiz. Uma vez que aprender a aquisição do sistema de escrita alfabética está além da memorização e da codificação e decodificação de símbolos gráficos. É necessário que o aprendiz compreenda a aquisição da escrita e seu significado social.

Destacamos os estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky ao analisarem o processo de escrita em quatro níveis: pré-silábico (distinção entre desenho e escrita), silábico (correspondência e organização da escrita), silábico alfabético (relaciona sílabas e letras) e alfabético (reprodução dos fonemas). Para essas autoras, esses níveis de alfabetização passam por evolução a medida que a criança vai construindo novas experiências em maturação neurológica. Vale salientar que para analisar os níveis de escrita das crianças, essas autoras se fundamentam nos estudos de Piaget, o qual caracteriza a evolução humana em fases de desenvolvimento que o mesmo denominou de sensório motor (de 0 a 2 anos), pré-operatório (de 2 a 7 anos), operatório-concreto (de 7 a 11/12 anos) e operatório-formal (a partir de 12 anos). Cada estágio de desenvolvimento caracterizado para

Piaget são sucessivos assim como os níveis de escrita, seguem exatamente essa ordem. Um estágio é sempre a preparação para o surgimento do próximo.

Entendemos, com base nesses estudos, que para as crianças com TEA desenvolvam o processo de leitura e escrita é necessário destacar as particularidades da faixa etária da criança e suas especificidades voltadas do ensino e aprendizagem. Barreto (2021) enfatiza que o “processo de alfabetização e letramento das crianças com (TEA) costuma apresentar falta de curiosidade pela leitura e pela escrita, falta de comunicação e de socialização, além de grafismo rudimentar” (BARRETO, 2021, p.51). Nesse sentido, acreditamos ser fundamental o uso de materiais concretos e do lúdico para que as crianças acomodem a aprendizagem, bem como manter uma rotina com as crianças.

Barreto (2021) ainda destaca que

a classificação do Transtorno do Espectro Autista (TEA) pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), datado do ano de 2013, foi um avanço muito importante para a inclusão das pessoas com autismo, pois possibilitou o acesso a novas oportunidades, recursos e políticas públicas (BARRETO, 2021, p. 51)

A mesma autora ainda destaca que conforme o Decreto nº 7.611/2011, Art. 5, § 3º “as salas de recursos multifuncionais são ambientes dotados de equipamentos, mobiliários e materiais didáticos e pedagógicos para a oferta do atendimento educacional especializado” (BRASIL, 2011, p. 02).

As salas de recursos multifuncionais tem contribuído para a aprendizagem das crianças com TEA, uma vez que as mesmas possibilitam uma diversidade de recursos e profissionais capacitados para atenderem as crianças com deficiência. Contudo, acreditamos que ainda é necessário planejamentos e acompanhamento dos profissionais que atendem nessas salas para verificar se realmente o trabalho está sendo realizado com qualidade e eficácia.

Vale ainda destacar que o uso de atividades lúdicas como uso de jogos no processo de alfabetização das crianças com TEA, uma vez que sendo o jogo uma atividade espontânea da criança, dessa forma jogar é simular, imaginar, criar, inventar, sair de si mesmo em relação aquilo que se busca alcançar, motivado apenas pelo prazer de sua função (Piaget, 1964 *apud* MACEDO, 2013).

Nesse sentido, ressaltamos a importância do uso de jogos para a alfabetização e letramento da criança. Os jogos promovem a interação, a ludicidade, a socialização, a atenção, a percepção, a comunicação, a



expressividade, a emoção, o raciocínio lógico e englobam diversas áreas do conhecimento. Corroboramos com Magalhães e Junior (2012) ao apontar algumas contribuições na apropriação da língua por meio do trabalho com jogos:

Se, para criança, a escrita é uma atividade complexa, o jogo, ao contrário, é um comportamento ativo cuja estrutura ajuda na apropriação motora necessária para a escrita. Ao lado das atividades de integração da criança à escola, deve-se promover a leitura e a escrita juntamente, utilizando-se para isto a dramatização, conversas, recreação, desenho, música, histórias lidas e contadas, gravuras, contos e versos. No ensino da leitura e escrita, deve-se levar em conta o relacionamento da estruturada língua e a estrutura do lúdico. Podem-se também estabelecer relações entre o brinquedo sócio dramático das crianças, na sua criatividade, desenvolvimento cognitivo e as habilidades sociais. Entre elas destacam-se: criação de novas combinações de experiências; seletividade e disciplina intelectual; concentração aumentada; desenvolvimento de habilidades e de cooperação. (MAGALHÃES; JUNIOR, 2012, p. 5).

Com base no exposto, enfatizamos a importância do uso de materiais concretos para aquisição e assimilação das aprendizagens pelas crianças. Pois, na fase operacional as crianças raciocinam por imaginação “está presa a uma forma subjetiva de pensar e necessita do concreto para dar explicações e entender as situações do dia a dia (BLAJ, p.19, 2008). Portanto, é fundamental que nas práticas pedagógicas utilize-se do lúdico e de materiais concretos como jogos, manipulação de imagens, letras, musicalização, contação de histórias para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças nessa fase.

Vale ainda salientar que as principais habilidades de todo o processo de escolarização fundamentam-se em ler, escrever e realizar operações matemáticas básicas. Para tanto, enfatizamos a importância do educador compreender o desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático pela criança, desde o senso numérico (sistema primário) até a aprendizagem da matemática formal (sistema secundário) para que desenvolva no aluno habilidades lógico-matemáticas que estejam relacionadas a sua vida diária.

Contudo, Barreto (2021) nos enfatiza que para que a mediação e aprendizagem das crianças com TEA aconteça é preciso que o educador conheça as características e aspectos desse transtorno, bem como os métodos que são desenvolvidos para auxiliá-los em sua aprendizagem. “O professor da (SRM) não trabalha com conteúdo de português, matemática, ciências, mas com os princípios

cognitivos que vão levar a aprendizagem dessas disciplinas” (BARRETO, 2021, p 52).

Alfabetizar é um processo complexo e está para além de saber ler e escrever. Esse processo exige do professor práticas diversificadas e principalmente conhecimento sobre as fases de desenvolvimento da crianças. De acordo com Teberosky(2003, p.66) “o conhecimento da escrita começa muito antes da criança frequentar a escola”. Para tanto é necessário que ao se inserirem no ambiente escolar oportunizemos as nossas crianças situações que as desafiem no processo de desenvolvimento da escrita, a qual mesmo antes de estarem em contato com o conhecimento formal já conhecem.

As práticas de escrita devem enriquecer o conhecimento que as crianças já sabem, portanto acreditamos que incentivar a escrita das crianças de forma divertida e espontânea, com uso de jogos, sílabas móveis, texto fatiado, jogo da memória, jogos de rimas, boliche de palavras ou sílabas, bem como o suporte de diferentes gêneros textuais contribuíram para aquisição e desenvolvimento da escrita e da leitura.

Destacamos ainda, a importância do professor manter uma parceria com a família, pois o diálogo com a família favorece compreender as limitações, as afinidades das crianças as quais contribuirão para facilitar o processo de aprendizagem delas. Destacamos ainda que

[...] o processo de alfabetização é algo complexo e que deve ser contextualizado e problematizado juntamente com as crianças, partindo da realidade em que o aluno está inserido, ou seja, o de leitura do mundo no qual os autores denominam de letramento, já o processo de decodificação de sons e sílabas, muitos autores defendem como alfabetização, em sentido restrito (SANTOS; ARAÚJO, 2018, p. 02).

Desse modo, enfatizamos o processo de alfabetização como algo importante e essencial na vida de todo ser humano, especialmente das crianças com autismo. Corroboramos com Barreto (2021) ao enfatizar que “O processo de alfabetização não é somente a união de letras, sem levar a reflexão o que escrito, é necessário que o professor contextualize a realidade do aluno a partir do que se está lendo( BARRETO, 2021, p.53)

De acordo com Barreto (2021 *apud* Nascimento 2016):

(...) para a alfabetização de alunos autistas deixar de ser utopia ou casos isolados de apropriação da Língua Portuguesa, são necessários que alguns pilares fundamentais sejam apropriados pelos professores, como: a transformação da atitude docente em professor-pesquisador para o ensino de alunos autistas; a compreensão de que a prática pedagógica precisa ser organizada por método de ensino; a definição e utilização de materiais didáticos acessíveis para alunos autistas; adquirir, além dos conhecimentos básicos referentes aos conteúdos pedagógicos a serem ensinados, conhecimentos de Psicologia Comportamental e funcionamento cerebral. (NASCIMENTO, 2016, p. 65).

Nesse sentido, é necessário que haja capacitação dos profissionais que trabalham com esse público para que assim diversifiquem suas metodologias e direcione propostas pedagógicas de acordo com as dificuldades e capacidades de cada um. Barreto (2021), salienta que

o aluno com (TEA) precisa de um ensino direcionado que o oriente a expressar seu pensamento e sua emancipação. As atividades devem estar voltadas para a ludicidade e interação para que o ensino não se torne “cansativo”, “chato” e “decoreba”. As metodologias apresentadas, pelo professor, em sala de aula devem estimular a criatividade e a participação do aluno autista (BARRETO, 2021, p. 53).

Contudo, algumas estratégias devem ser repensadas pelo professor, tais como jogos, contação de histórias, uso de materiais concretos de modo a atender o avanço da aprendizagem dos alunos com TEA. Barreto (2021) destaca a literatura como uma grande aliada no processo de leitura e escrita, despertando a imaginação e a criatividade.

A literatura é uma grande aliada para a alfabetização e a inclusão do aluno autista. Ela contribui para práticas alfabetizadoras despertando no aluno a imaginação. O texto literário associado ao uso de imagens promove um aprendizado rico de significado, possibilitando o aluno expressar seus sentimentos e emoções. Uma boa dica é a utilização da literatura infantil e a produção de textos, através de desenhos (BARRETO, 2021, p. 54).

A mesma autora ainda destaca que o incentivo a leitura também deve ser promovido em casa por seus familiares. Outro fator importante no processo de alfabetização e letramento das crianças com TEA é partir dos fatos que chamam a atenção dessas crianças.

Segundo Barreto (2021 *apud* Queiroz e Ferreira (2018)), o professor deve ficar atento aos fatores que chamam a atenção e interesse dessas crianças quando

for selecionar uma atividade pedagógica. Destaca ainda que essa “seja mais lúdica, que se torne mais prazerosa e que não demandem tanto tempo, que não sejam tão longas e que atraiam a atenção dele, coisas que ele se sinta atraído” (QUEIROZ; FERREIRA, 2018, p.21).

Contudo, as crianças com a coordenação motora comprometida, Barreto (2021), destaca que o professor pode utilizar atividades que promovam o desenvolvimento da coordenação motora, tais como: “amassar papel, recortar, pegar pequenos objetos, essas estratégias poderão ajudar a produção da escrita (BARRETO, 2021, p. 54). Quanto ao uso do material didático utilizado na aprendizagem de crianças com TEA, Barreto (2021 apud NASCIMENTO, 2016, p. 74) destaca que o mesmo deve “combinar cores que estimulam a memorização e a atividade cerebral, combinado como materiais didáticos adequados para a memorização visual e auditiva”

Salientamos ainda que os materiais e recursos didáticos devem ser de fácil manipulação e durável, posso as crianças utilização constantemente em seus dia a dia. Destacamos ainda que “se possível, confeccionado em tons vermelhos ou alaranjados para estimular a concentração e a memorização do aluno com autismo” (BARRETO, 2021, p.54). vale ainda lembrar que para facilitar a comunicação e interação entre professor, aluno e demais colegas de sala o ideal é que o educador utilize de frases curtas e objetivas.

A autora mencionada acima, salienta que para promover e facilitar o desenvolvimento cognitivo da criança com autismo, o educador deverá estimular o interesse por brincadeiras e jogos, “ensinando-lhe a brincar de forma adequada e sempre explicando o que está fazendo e o que vai fazer. Estimular jogos que use a imaginação da criança, explicando que ela pode ganhar ou perder o jogo” (BARRETO, 2021, p. 54).

Acreditamos na ludicidade como essencial no desenvolvimento cognitivo e aprendizagem do indivíduo em todas as faixas etárias, principalmente com as crianças com TEA na Educação Infantil. Nesse sentido, ressaltamos a importância do professor buscar compreender como ocorre a aprendizagem da criança com TEA, bem como mantenha um olhar cuidadoso, paciente e acolhedor.

Barreto (2021 *apud* BRITO 2017) destaca que

O uso de recursos visuais também é sistematicamente destacado quando o assunto é intervenção nos TEA. A utilização de recursos visuais como desenhos, figuras, fotografias, vídeos ou objetos concretos associados ao aspecto que se pretende desenvolver ou à atividade planejada, pode ajudar na compreensão e interesse de crianças e adultos com TEA. Usar quadros de rotina diária em casa, na terapia e na escola, passo a passo de algumas situações do cotidiano, por exemplo, de como usar o banheiro ou tomar banho. Usar histórias sociais para situações sociais do cotidiano, como cumprimentar as pessoas, esperar sua vez para falar, despedir-se, etc. O uso de recursos de tecnologia com computadores, tablets, celulares, aplicativos, kits de robótica e robôs humanoides despertam o interesse de muitas crianças com TEA. Habilidades comunicativas, sociais e acadêmicas podem ser promovidas com o auxílio destes e de outros recursos tecnológicos. A leitura de histórias pode ser também bastante incentivadora para alguns. O tipo de material e como conduzir a situação dependerá dos interesses e habilidades da criança. Por exemplo, começar livros que contenham muitas imagens grandes e coloridas e histórias curtas (BRITO, 2017, p. 22 e 23).

Com base no exposto, destacamos o quanto é importante utilizar atividades lúdicas e com uso de materiais concretos que desenvolvam os aspectos psicomotor, sensorial e cognitivo da criança. Destacamos dessa forma o uso de diferentes recursos pedagógicos que promovam o contato com diferentes texturas, elementos da natureza água, areia, tinta guache, massinhas de modelar, etc.

Os espaços educativos também devem promover o contato e interação com crianças da mesma faixa etária independente de sua condição econômica e social. De acordo com Barreto (2021) esses espaços devem ainda evitar sons muito altos, excesso de informação na sala ocasionando poluição visual, televisão e a circulação excessiva de pessoas. Contudo, essas estratégias poderão contribuir no processo de alfabetização e letramento das crianças com Transtorno do Espectro Autista.

Acreditamos que ainda há muitos desafios e direitos a serem garantidos por essas crianças para que realmente se efetive a seu processo de escolarização e inclusão escolar.

### 3 METODOLOGIA

A presente pesquisa se classifica como uma revisão bibliográfica de análise qualitativa. A pesquisa qualitativa está relacionada a dialética e envolve dados mais descritivos na perspectiva da investigação crítica. A mesma permite ao educador um olhar mais flexibilizado e complexo para analisar um determinado fenômeno.

Ressaltamos de Brandão (2001) ao destacar que

A pesquisa qualitativa (...) está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.), em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa (BRANDÃO, 2001, p.13).

A pesquisa qualitativa nos proporciona várias reflexões sobre um mesmo fato observado, contudo acreditamos que contemple os objetivos propostos nessa pesquisa. Para tanto, utilizamos das leituras de textos, artigos, livros e visitas em sites para responder nossas inquietações. Destacamos os autores, tais como Kanner (1943), Ferreiro e Teberosky (1984), Soares (2000), Bettelheim (1967), Barreto (2021), dentre outros autores que enfatizam a presente temática.

Para essa pesquisa foram utilizados os seguintes descritores: *Alfabetização, Educação Infantil e Autismo*. Foram construídas duas estratégias de busca: “*Educação Infantil and Alfabetização*”; “*Educação Infantil and Autismo*”; “*Autismo and Alfabetização*”.

Após definir os descritores, o processo de seleção dos artigos será partir dos seguintes passos: 1) Leitura e análise dos títulos e resumos dos artigos; 2) Organização e ordenação dos estudos identificados; 3) Leitura dos artigos na íntegra.

Após a seleção dos textos, realizamos as leituras, debates e discussões de textos e em seguida discorreremos nossas reflexões sobre os dados encontrados. Vale destacar que a pesquisa foi realizada de agosto a novembro de 2022.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante de nossos estudos, verificamos que o processo de alfabetização e letramento exige compromisso, práticas diversificadas e inovadoras por parte do professor, especialmente para atender as crianças com autismo, as quais precisam de recursos lúdicos e diversificados para facilitar o processo de assimilação e acomodação das aprendizagens repassadas.

O estudo sobre o Transtorno do Espectro Autista nos mostra o quão é angustiante tanto para os pais que não sabem o que estar acontecendo na escola, onde há casos que muitos não buscam um diagnóstico, com isso não aceitam a realidade de ter um filho atípico e, por isso, não conseguem acompanhar o desenvolvimento da criança. Muitas vezes por desconhecerem como ocorre sua aprendizagem chegam a acreditar que elas não são capazes de aprender e serem alfabetizadas.

Ressaltamos que existem muitos profissionais da área da educação que não estão capacitados para atenderem as crianças com TEA, pois muitos ainda carecem de informação e capacitação, embora existam alguns professores que tentam ajudar ao máximo, mas não recebem apoio das instituições governamentais para aprender mais.

Diante os casos comuns de muitos professores que ainda não são totalmente capacitados ou nem sabem que precisam ter um conhecimento para receberem alunos autistas, com isso, existem angustias para ambos os lados. Por isso, são cada vez mais importantes que as escolas busquem capacitar seus profissionais para que eles estejam preparados para atender diferentes demandas e acolher todos os pequenos. E por outro lado, pais e cuidadores precisam ter uma boa relação, cada vez mais próximos da escola para que todos consigam trabalhar em equipe e o oferecer o que há de melhor para as crianças se desenvolvam e sejam alfabetizadas.

Quando nós falamos em autismo, estamos nos “referindo a pessoas com habilidades absurdamente reveladoras, que calam fundo na nossa alma, e nos

fazem refletir sobre quem de fato vive alienado”. (SILVA; GAIATO; REVELES et al., 2012).

Acreditamos que todas as crianças são capazes de aprender e se desenvolverem, desde que a elas sejam dadas condições para isso. É preciso entender que o autismo não é uma doença e sim uma condição neurológica, marcada por dificuldades no desenvolvimento da linguagem, nos processos de comunicação, na interação e no comportamento social.

Com base nos estudos mencionados acima, destacamos o uso de materiais concretos, jogos, brincadeiras, o lúdico, a contação de histórias, o contato com a literatura e a parceria com os professores das salas de recursos multifuncionais para que as crianças desenvolvam o processo de leitura e escrita.

A inclusão educacional de alunos com Transtorno do Espectro Autismo na escola comum, a cada dia tem tornado um assunto constante na vida dos educadores. A perspectiva da inclusão prevê que todos os alunos sem exceção têm direito de frequentar a escola comum. Também não podem ser esquecidas as razões de ordem pedagógica e social, onde toda pessoa tem o direito de pertencer, de estar, de participar e fazer tudo que outras pessoas fazem, ainda que de forma adaptada.

No entanto, entendemos que o processo de inclusão das crianças com TEA ocorre quando elas têm a oportunidade de convívio social no ambiente escolar, participação dos espaços e ações planejadas no fazer docente e que sua aprendizagem e alfabetização da língua escrita sejam garantidas. O convívio, a participação e frequência dos alunos nas salas de recursos multifuncionais, o convívio com crianças de sua faixa etária são fatores que dão aos alunos com deficiência a possibilidade de avançar no conhecimento e ter uma vida de melhor qualidade.

O isolamento tem efeitos nocivos de toda ordem sobre qualquer pessoa, e não é diferente para uma criança com TEA, podendo trazer sérios prejuízos à vida da criança e conseqüentemente da família dela. A vida em sociedade e a busca pelo conhecimento são marcas registradas do ser humano ao longo de sua história



e isso também está presente nos alunos atípicos que conforme suas limitações também precisam de interação e aprendizagem.

É notório, que a educação inclusiva é importante principalmente para essas pessoas, crianças, alunos, mães e pais que são excluídas porque elas começam a se ver fazendo parte também dessa sociedade e desse espaço escolar. São crianças que podem frequentar os mesmos lugares que os outros, mesmo tendo algumas limitações. Outro aspecto de grande valor da inclusão diz respeito à diversidade, o convívio em que o respeito à diferença está presente e até mesmo na valorização das diferenças deve fazer parte da educação e na formação para a cidadania. Aos alunos com Transtorno do Espectro Autista deve ser garantido o direito de não serem excluídos de um bem que é público, a educação.

É necessário e relevante buscar informações quando o assunto for o comportamento e o processo de aprendizagem da pessoa com Transtorno do Espectro Autista, fazendo-se necessário que tenhamos um olhar mais amplo e sensível sobre o TEA e não nos prendermos apenas ao que é frisado, retratado pela mídia ou mesmo pelo senso comum. São algo que deve ser levado sempre em conta, principalmente as características que cada criança demonstra em seu cotidiano.

É importante partir dessa premissa, pois a alfabetização é influenciada por diversos fatores como a falta de métodos, práticas, atenção e a desmotivação. E no autismo não é diferente. A escola tem um papel pedagógico fundamental, sendo importante compreender que cada criança possui seu tempo, suas habilidades comportamentais que são necessárias para o desenvolvimento da aprendizagem. Entretanto para familiares e professores a alfabetização sempre aparece como um grande receio se elas são capazes de aprender a ler escrever.

Sabemos que o processo de alfabetização é aprender a ler e a escrever no sistema alfabético e indo para esse ponto, a alfabetização de autista, ela é diferente de uma criança típica? NÃO! Para a alfabetização de uma criança típica ou atípica a metodologia é a mesma para ambas, ou seja, não tem metodologia diferente para cada um. Ah, mas vou alfabetizar igual? SIM! A diferença está no TEMPO. É preciso olhar para o Transtorno do Espectro Autista com sensibilidade.

O processo de alfabetização parte de um pressuposto cognitivo. Muitos até pensam que as crianças não conseguem, porém enfatizamos que sim, é possível se alfabetizar mesmo tendo autismo. Pois, o processo cognitivo de alfabetização tem etapas, desenvolvimentos, áreas cognitivas que precisam ser desenvolvidas em todas as crianças independentemente de serem crianças acometidas com TEA, TDH, TOD, ou que não apresentem nenhum transtorno, elas precisam desenvolver as mesmas habilidades. Entretanto, esse desafio para o professor quando ele não busca se especializar na área e entender como ocorre o desenvolvimento do cognitivo das crianças com autismo no processo de alfabetização.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o estudo exposto foi analisado as possibilidades existentes no processo de alfabetização com alunos diagnosticados com o Transtorno do Espectro Autista evidenciando que se fazem necessários profissionais capacitados desde o porteiro ao gestor para fazer uma abordagem segura e conduzir de forma eficaz essas crianças. É importante que saibamos o que é preciso ser feito, principalmente nesses tempos de inclusão onde as leis destacam-se como algo fundamental, permitindo a socialização no todo. Pois antigamente tínhamos essas crianças, mas elas ficavam escondidas do público. Portanto, o primeiro ponto destacado é a capacitação de toda a equipe onde o professor necessita conhecer o tema muito bem, saber o que é autismo, saber o que é ter autismo e como criar métodos par que a aprendizagem dela seja contemplada de forma permanente.

Ressaltamos que o primeiro ponto para que a escola saiba lidar com alunos com TEA é capacitar a sua equipe, onde o professor, o cuidador precisa saber o que significa ter autismo. Nós sabemos que o autismo é um transtorno de desenvolvimento que leva a três grandes prejuízos como as dificuldades de interação social, déficit de comunicação social e comportamentos repetitivos e restritos, ainda associado a isso problemas de relacionamento, dificuldade com reciprocidade, dificuldade com empatia e atenção social, preferência por objetos, distúrbios e sensibilidade, ou seja, tudo isso está dentro do espectro autista o professor precisa ter conhecimento ou buscar se informar sobre. Saber que tem intensidades leve, moderada e severa e de acordo com a sua intensidade a conduta escolar deverá ser totalmente diferente tanto do ponto de vista institucional quanto do currículo quanto do preparo e quanto da direção que a área pedagógica tem que dar para essa criança.

Outro fator muito importante é que o autismo tem significativos déficits de linguagem. A linguagem social, linguagem contextual onde na maioria dos casos ela vai ter dificuldade para aprender a ler, escrever e calcular. Não são todos os autistas, sabemos que tem crianças com autismo que calculam melhor do que as crianças neurotípicas, que conseguem ler melhor do que crianças atípicas, contudo,

isso é a minoria, pois a maioria das crianças com autismo apresentam dificuldades significativas nos processos de aprendizagem de leitura e da escrita.

Pois, a criança com autismo tem déficit em habilidades cognitivas habilidades linguísticas e muitas dessas crianças apresentam também comorbidades que levam elas a terem uma deficiência intelectual e junto com autismo acaba aumentando ainda mais as restrições dessas crianças para os processos de alfabetização e aprendizagem escolar. Nesse sentido, acreditamos ser importante além desse conhecimento todo é fundamental que essas crianças sejam avaliadas, bem avaliadas do ponto de vista da linguagem e psicológico para que a tenhamos uma noção de quais habilidades estão realmente deficitárias nela para que a escola possa ter um ponto de apoio para planejar a metodologia que vão ser utilizadas no currículo.

Por fim, observamos que há vários desafios enfrentados em sala de aula e também no meio social e familiar que dificultam o processo de aprendizagem das crianças com TEA. É necessário que a compreensão do professor quanto ao desenvolvimento pleno da criança, bem como da aquisição da escrita é fundamental para que o processo de alfabetização ocorra, bem como entender cada indivíduo de acordo com sua individualidade. Ressalto ainda que a inclusão é um fator primordial para a adaptação, acolhimento e garantia do direito de aprender.

Contudo, enfatizamos ainda a importância da ludicidade, brincadeiras e jogos para a interação e aprendizagem das crianças independentemente de qualquer característica. Nosso maior desafio é promover a igualdade e combater todas as desigualdades, respeitando e valorizando as diferenças.

## REFERÊNCIAS

- APA. Manual. **Whashington**: American Psychiatric Association, 4 Ed. 1994. APA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BARRETO, Mayra Ferreira. **Alfabetização e letramento de alunos com Transtorno do Espectro Autismo (TEA)**. Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, SE, Brasil. In: Revista Amor Mundi | Santo Ângelo | v. 2 | n. 4 | p. 45-56 | abr. 2021.
- BELISÁRIO FILHO, José Ferreira; CUNHA, Patrícia. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: transtornos globais do desenvolvimento**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. Universidade Federal do Ceará, 2010.
- BETTELHEIM, B. **A fortaleza vazia**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- BRANDÃO, Z. **A dialética macro/micro na sociologia da educação**. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, SP, n. 113, p. 153-165, jul. 2001.
- BRASIL. **Documento Curricular Referencial do Ceará**, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**, 2018.
- BRITO, Maria Claudia. **Estratégias práticas de intervenção nos transtornos do espectro do autismo**. E-book: Saber Autismo, 2017. Disponível em: Acesso dia 12 jan.2021.
- CUNHA, Eugênio. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas**. 3 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.
- CUNHA, Eugênio. **Práticas pedagógicas para inclusão e diversidade – 3, ed. –** Rio de Janeiro; Wak Editora, 2013.
- FERREIRA, Beatriz Soares de Araújo. **Um estudo sobre as conexões afetivas no autismo**. Dissertação (mestrado). Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2014.
- FERREIRO, Emilia & TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1984.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

- GUEDES, N. P. S; TADA, I. N. C. **A Produção Científica Brasileira sobre Autismo na Psicologia e na Educação.** Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa. Brasília, v.31, n.3, p. 303-309, jul.-set. 2015.
- KANNER, L. **Autistic disturbances off affective contact.** New Child, v. 2, p. 2017, 1943. **Mundo Singular: entenda o autismo.** Fontanar, 2012.
- MAGALHÃES, Adriana F.S.; JUNIOR, Cícero Francisco A. **Ludicidade na aquisição da leitura e escrita:** experiências e vivências nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Campina Grande: Realize, 2012.
- MAIA, Christiane Martinatti. **Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem.** Curitiba: InterSaberes, 2017. Apud: PIAGET, J; INHELDER, B. A psicologia da criança. 8ª ed. São Paulo: Difel, 1985.
- NASCIMENTO, Gisele Soares Rodrigues do. **Método de Alfabetização para Alunos Autistas (MAPA):** Alternativa da Clínica- Escola do Autista, 2016, p. 122. Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.
- PIAGET, J. Six Études de Psychologie. Genève: Gonthier, 1964. [Seis **Estudos de Psicologia.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1967.
- SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mundo Singular Entenda o Autismo.** Fontanar, 2012.
- SILVA, Ana Beatriz Barbosa; GAIATO, Mayara Bonifácio; REVELES, Leandro Matheus.
- SILVA; Roberto Aguiar Machado Santos; VIÑAS; Suzana Portuguese. **Autismo mente e cérebro – O cérebro e o autismo: o que a pesquisa do cérebro diz aos professores.** Santo Ângelo, RS 2020.
- SOARES, Magda. **Letramento: tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas V: fundamentos da defectologia.** 5a. ed. Madri: Visor; 1997.